

## EDITORIAL

*Prof. Carlos Pereira Nunes<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> Editor da Revista de Medicina da Família e Saúde Mental - carlosnunes@Unifeso.edu.br

---

Roda para lá, volta para cá e o assunto não muda. COVID-19!

E não é sem motivo. Estamos diante de uma das maiores pandemias do último século. Respeitando-se a época e suas limitações médicas e científicas, a comparação com a Gripe Espanhola é inevitável. Estima-se mais de sessenta milhões de mortes superando, em muito, o número de vítimas acarretadas pelas Primeira e Segunda Grandes Guerras Mundiais.

Embora dispondo de maiores e melhores recursos médicos já chegamos à marca de um milhão de mortes. O mundo está torcendo pelo desenvolvimento e distribuição mundial de uma vacina eficaz. Não há como prever o número de vítimas fatais embora a quantidade de pessoas infectadas já tenha chegado a 20 milhões.

Com certeza, medidas mais contundentes, se tivessem sido implantadas em conjunto com a maioria das nações e deixado de lado as implicações políticas, poderiam ter diminuído o impacto desta pandemia, mas não podemos negar a rapidez com que o vírus foi identificado, assim como, sua origem e as diferentes vias de disseminação.

Apesar da corrida internacional em busca de medicamentos eficazes para o combate ao Corona vírus ainda não temos nenhuma droga comprovadamente capaz de curar a infecção ou impedir sua evolução. Estamos todos ansiosos pela chegada da vacina.

Aguardando este momento, as pesquisas continuam e evidenciam as diversas formas clínicas da doença com diferentes patogenias e fisiopatologias capitaneadas pelo processo inflamatório sistêmico e de difícil controle.

No afã de mostrar resultados e apresentar soluções, foram realizados múltiplos estudos clínicos seguidos de publicações em renomadas revistas científicas. No entanto, a sabedoria popular já deixava claro que a pressa é inimiga da perfeição e o resultado desta correria para alcançar a fama levou diversos pesquisadores a publicarem artigos sobre a COVID-19 sem o rigor científico necessário.

Estudos foram publicados nos quais o número de pacientes avaliados era insuficiente para fossem feitas conclusões corretas ou os métodos utilizados não seguiam o que denominamos boa prática médica em pesquisa clínica.

São estas regras que defendemos como essenciais para sobrevivência de qualquer publicação médica científica e estimulamos que elas sejam seguidas de forma radical. A prática na produção de artigos científicos hipertrofia nosso conhecimento e poder crítico em relação aos milhões de publicações que nos são ofertadas ao longo de nossa jornada médica.

O entendimento deste processo por parte de professores e alunos nos trará bons resultados acadêmicos e esses são nossos objetivos.

Cuidem-se todos.